



A IRONIA NAS TRANSFORMAÇÕES DE DOM QUIXOTE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Raimundo Batista Almeida¹
Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo²

Considerações Iniciais

No início deste milênio, exatamente no ano 2002, vários literatos do mundo inteiro classificaram a obra “Don Quijote de La Mancha” como o melhor livro de ficção da literatura mundial. Seu autor Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), homem de uma cultura admirável, conhecedor profundo da literatura sagrada e universal, principalmente, dos romances de cavalaria, viveu no período da Inquisição. Por viver nesta época, e saber dos riscos que correria ao ironizar a instituição católica, usou estes romances, proibidos por serem pecaminosos, como trampolim para driblar aos inquisidores que, apesar de irônicos, também causavam risos.

Para pertencer à ordem dos cavaleiros andantes era necessário cumprir certas normas. Apesar de leitor do gênero, o autor cria uma obra atípica, dá poderes ao personagem para armar-se cavaleiro numa estalagem de caminho, que a transformou em castelo. Tudo que dom Quixote via, através das suas formações imaginárias, transformava. Na sua primeira saída (Tomo I, capítulos II e III), é armado cavaleiro numa venda de caminho pelo caixeiro deste estabelecimento, e o trata como senhor castelhano, por imaginar ser este o administrador da fortaleza, como assim o considera. Este entende o equívoco como sendo da região de Castela, que por sua vez é de Andaluzia. Ao mesmo tempo em que ocorre a cerimônia, é assessorado por prostitutas e dom Quixote as trata como sendo honradas damas e princesas do castelo. Com sua veia humorística, Cervantes faz desta celebração um palco de humor, onde igreja e sociedade não se dão conta desta desfeita, ao contrário, se divertem com estas peripécias.

As condições de produção dos séculos XVI e XVII eram, sobretudo, relacionadas à Inquisição, com a Igreja detendo o discurso do poder. Havia um claro discurso autoritário, em que a Instituição mandava e não havia reversibilidade possível. Ao mesmo tempo, os romances de cavalaria já se encontravam em declínio. Além disso, o catolicismo proibia sua leitura por considerá-los como pecado. Ainda assim, Cervantes consegue driblar este discurso, escrevendo a sua obra, produzindo-a e editando-a. Com a ironia presente no romance, Cervantes conseguiu agradar a todos, inclusive a Igreja, com alegria, humor e crítica. No capítulo VIII, dom Quixote surra os frades beneditinos, chamando-os de gente endiabrada e descomunal, porque suas formações imaginárias o levavam a crer nisso. Na verdade, esses faziam o mesmo trajeto de uma senhora que viajava em coche do País Vasco a Sevilha para despedir-se de seu marido que viajava as Índias. Tudo isso faz alusão aos cavaleiros andantes que tinham como missão proteger aos desvalidos, as crianças, as

¹ Mestrando em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco

² Doutora em Letras e Linguística da Universidade Católica de Pernambuco



senhoras e outras classes de desprotegidos. Era essa a honrosa missão de um cavaleiro andante. Em várias passagens, dom Quixote atua tal qual os andantes da Cavalaria Medieval, protegendo os desvalidos.

Em outras situações, quando seu desejo era agredir a sociedade, defendia aos malfeitores. Deste modo, o fez, ao defender os condenados pela justiça a remar galeras³ destinadas ao Velho Mundo, arriscando sua própria vida ao ir de encontro aos interesses da Santa Inquisição e da Nobreza reinantes na época. Deste modo, Cervantes tinha dom Quixote sobre seu comando para mover as engrenagens do seu engenho, tanto no discurso da estalagem do caminho, como para surrar os frades da ordem de São Bento ou na defesa dos remadores de barcos. O autor opera com a interdiscursividade, recorrendo a antigas histórias e feitos medievais nas batalhas de cavalaria lidas em seus livros: a vida do rei Carlos Magno e os doze pares de França, os dois romances mais importantes do gênero: *Amadis de Gaula* e o *Palmeirim da Inglaterra*. Estas duas obras, além de serem as mais importantes do gênero, são a fonte de interdiscursividade, onde o cavaleiro tem suas formações imaginárias, com o seu olhar transformador, deslocando formações discursivas/ideológicas, movido pela ironia e humor para driblar aos poderosos que detêm o poder.

Encontramos muitos escritores famosos, não somente da literatura como de outras áreas do conhecimento humano, que estudam e citam provérbios do personagem da obra de Cervantes. Rosenblat (1995) afirma que “*Cervantes es aficionado al estudio de los arcaísmos, metáforas e los distintos juegos de habla.*”

Por que estudar dom Quixote (DQ) e Análise do Discurso (AD)? Para se produzir um trabalho científico, temos que ter empatia, sem isso, é muito difícil prosseguir. Para o primeiro autor, estudar dom Quixote é uma das razões para viver e isso se adquire persistentemente com leituras e viagens feitas ao país berço e, mais precisamente, na região de La Mancha, que é citada na obra em estudo. Ao mesmo tempo, a AD é algo novo, não só como teoria em si, mas também como conhecimento e procedimento de análise. Na união destes saberes, pretende-se que vá nascer um terceiro.

Em 1605, início do século XVII, se dá a publicação do primeiro tomo de dom Quixote, e a AD tem seu começo somente no início da segunda metade do século XX, com uma diferença de três séculos e meio. Apesar da grande distância, o saber não está isolado, porque tudo está conectado.

Para Amorós (1999, p. 976), “dom Quixote é a projeção de um personagem que influenciou o mundo de sua época”. Daí porque continua influenciando pintura, ilustração, teatro, cinema, música, literatura, moedas, selos, gastronomia, nomes de rua, monumentos em praça pública, internet e opiniões. Possivelmente, a análise do objeto a ser investigado poderá suscitar novas discussões e contribuir para o esclarecimento de questões ainda em aberto no espaço acadêmico, na literatura em geral e, principalmente, no enlace Literatura-Análise do Discurso de linha francesa.

Com este trabalho, pretendemos levar ao conhecimento da sociedade uma perspectiva teórica e analítica atual, relacionando-a a obra produzida por Cervantes.

³ Galera: antiga embarcação de guerra; galé



Partimos do pressuposto que, em regra geral, não se sabe ao certo o que realmente é perceptível. Para alguns estudiosos é a ciência que carece de novos conhecimentos nesta área. É aí que reside a importância desta pesquisa, porque existe a necessidade de buscar respostas para essa temática considerada pouco estudada e que a ciência precisa responder à sociedade. Assim, observa-se uma escassez de produções sobre dom Quixote partindo de uma teoria discursiva. Dessa forma, busca-se acessar a Análise do Discurso de linha francesa como campo teórico profícuo para refletir sobre esse personagem.

Este trabalho pretende analisar discursivamente a ironia na obra dom Quixote de La Mancha, de Cervantes. Mais especificamente, analisaremos a recepção irônica que dom Quixote recebeu na venda do caminho pelas prostitutas e arrieiros que ali faziam suas noitadas e também a proteção que ele dá aos desordeiros condenados pela justiça para remar galeras. Identificaremos as noções de condição de produção e formações imaginárias, memória e interdiscursividade em Dom Quixote.

Neste sentido, trabalharemos, a partir da teoria e dispositivo analítico da AD, os recortes discursivos do tomo I da obra dom Quixote, principalmente no que se refere à ironia feita ao recebimento do cavaleiro por parte das prostitutas, caixeiro e frades, também o tratamento que dom Quixote dá a essas mulheres, com a intenção de agredir a sociedade, incluindo-as na mesma classe social ora dominante.

Segundo Riquer (1970, p.17), “dom Quixote é o desejo veemente, a crença em um comum ideal humano, é a fé espanhola. Ele é Espanha”. É o personagem universal que influenciou muitos escritores famosos.

Dostoievski, na sua obra “O idiota”, apresenta um herói puro e bondoso, vítima da maldade e da incompreensão dos que o rodeiam. Monteiro Lobato, escritor brasileiro, idealizou Emilia, como a quixotinha das crianças.

Enfim, são inúmeros os escritores ocidentais que se inspiraram neste personagem universal que, apesar de louco, criou valores lúcidos para a humanidade.

1. Teoria do Discurso

Michel Pêcheux (1938-1983), filósofo francês, fundador da análise do discurso de linha francesa, criou sua teoria nos anos 60. Para Orlandi (2010, p.25), “a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Lingüística tem a ver com a Filosofia e as Ciências Sociais”. Na intersecção destas ciências surgiu a Análise do Discurso (doravante AD) como matéria de entremeio que tem como objeto o discurso.

Gregolin (2006, p.60) diz que Pêcheux (1983b) “revela os embates, as reconstruções, as retificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa”. E levando em consideração os lapsos de memória, os esquecimentos, os silenciamentos, o dito e o não dito, os debates teóricos e políticos surgiram de crises que atingiram a reflexão entre a língua, o sujeito e a



História. Ao falar em análise do discurso, impreterivelmente, falamos de Pêcheux. É como se não pudéssemos separar a obra do criador, pois seu nome está imbricado na teoria do discurso.

No início, quando surgiu a análise do discurso na França, nos anos 60, no meio de tanta ebulição, era de se esperar que não houvesse um traslado, e aconteceu, aqui, no Brasil, simultaneamente, também em período de muita efervescência e mudanças bruscas, pois essa semente caiu em terreno fértil, onde a principal semeadora é a renomada analista do discurso, Eni Orlandi e tem a UNICAMP como o mais importante pólo de produção científica em AD do Brasil.

2. Análise Discursiva

Interessa-nos discutir o discurso irônico de dom Quixote, analisando a recepção que dom Quixote recebeu na venda do caminho pelas prostitutas e arrieiros que ali faziam suas noitadas. Nesse sentido, procuraremos marcar as condições de produção e formações imaginárias, memória e esquecimento em dom Quixote.

Constituímos dois recortes discursivos a partir da leitura de dom Quixote, de quando foi armado cavaleiro. A seguir, haverá o recorte discursivo, seguido da análise.

Recorte Discursivo 1

Llegó a la venta que a él le parecía castillo, y a poco trecho de ella detuvo las riendas a Rocinante, esperando que algún enano se pusiese entre las almenas a dar señal con alguna trompeta de que llegaba caballero al castillo. Pero cuando vio que tardaban y que se daba prisa por llegar a la caballeriza, llegó a la puerta de la venta, y vio a dos distraídas mozas que allí estaban, que a él le parecieron dos hermosas doncellas o dos graciosas damas que delante de la puerta del castillo se estaban solazando. En esto sucedió por azar que un porquero que andaba recorriendo de unos rastrojos una manada de puercos - que, sin perdón, así se llama - tocó un cuerno, a cuya señal ellos se recogen, y al instante se le representó a don Quijote lo que deseaba, que era que algún enano hacía señal de su venida, y así, con extraño contento llegó a la venta y a las damas, las cuales, cuando vieron venir a un hombre de aquella suerte armado, y con lanza y adarga, llenas de miedo se iban a entrar en la venta; pero don Quijote, (...) les dijo: - No fuyan las vuestras mercedes ni teman desaguizado alguno; ca a la orden de caballería que profeso non toca ni atañe facerle a ninguno, cuanto más a tan altas doncellas como vuestras presencias demuestran. Mirándole las mozas; (...) mas cuando se oyeron llamar doncellas, cosa tan fuera de su profesión, no pudieron contener la risa.

Chegou à venda que a ele lhe parecia castelo, e a pouca distância colheu as rédeas a Rocinante, esperando que algum anão se pusesse entre as torres a dar sinal de trombeta de que chegava cavaleiro ao castelo. Vendo, porém que tardava, e que Rocinante mostrava pressa em chegar à estribaria, chegou à porta da venda, e viu as duas divertidas moças que ali estavam, que a ele lhe pareceram duas formosas donzelas, ou duas graciosas damas, que diante das portas do castelo se espareciam. Nisso sucedeu que um porqueiro, que andava recolhendo dos campos a sua manada de porcos, que sem perdão, assim se dizia, tocou uma trombeta, a cujo sinal se recolhe. No mesmo instante se apresentou a dom Quixote o que desejava que algum anão anunciasse a sua chegada. E assim, com estranho contentamento, chegou à venda e às damas vendo acercar-se um homem daquele feitio armado com lança e escudo, cheias de medo foram-se acolhendo à venda. Dom Quixote, [...] disse-lhes: - Não fujam Vossas Mercês, nem temam nenhum desfeito, porque a ordem de cavalaria que confesso a ninguém permite que



ofendamos, quanto mais a tão altas donzelas, como vossas presenças demonstram. Miravam-no as moças [...], mas quando se ouviram chamar donzelas, coisa tão fora de uso ao seu modo de vida, não puderam conter o riso (tradução do primeiro autor).

Ao avistar duas mulheres prostitutas na porta da venda, dom Quixote se remete a elas como nobres, oferecendo-lhes o tratamento, inclusive, de donzelas. O humor no texto é predominante, e tudo remete às condições de produção. Nesta época, as palavras *donzelas* e *damas* tinham muita importância, quase como um título de nobreza. Dom Quixote vai mais além, as trata de *donzelas* e *virgens*. É quando as moças começam a rir efusivamente, pois, como dizem, estas palavras estão fora de uso na profissão. O efeito metafórico que é observado no deslizamento das palavras *prostituta* para *donzelas* e *damas* diz respeito a uma negação do *status quo* e um deslocamento dos valores sociais.

Recorte Discursivo 2

Advertido y medroso de esto el castellano [...] mandó a una de aquellas damas que le ciñese la espada, la cual lo hizo con mucha desenvoltura y discreción, porque no fue menester poca para no reventar de risa a cada punto de las ceremonias; pero las proezas que ya habían visto del novel caballero les tenía la risa raya. Al ceñirle la espada dijo la buena señora:

_ Dios haga a vuestra merced muy venturoso caballero y le dé ventura en lides Don Quijote le preguntó cómo se llamaba, porque él supiese de allí en adelante a quién quedaba obligado por la merced recibida, porque pensaba darle alguna parte de la honra que alcanzase por el valor de su brazo. Ella respondió con mucha humildad que se llamaba la Tolosa [...], y que dondequiera que ella estuviere le serviría y le tendría por señor. Don Quijote le replicó que, por su amor, le hiciese merced que de allí adelante se pusiese don y se llamase doña Tolosa. Ella se lo prometió, y la otra le calzó la espuela, con la cual le pasó casi el mismo coloquio que con la de la espada. Preguntóle su nombre, y dijo que se llamaba la Molinera, y que era hija de un honrado molinero de Antequera; a la cual rogó don Quijote que se pusiese don, y se llamase doña Molinera, ofreciéndole nuevos servicios y mercedes.

Advertido e medroso, o castelhano [...] mandou uma daquelas damas que lhe cingisse a espada, a qual a fez com muito desembaraço e discrição; e não foi tarefa fácil desfazer o riso em cada momento da cerimônia; mas as proezas que já tinham visto do novo cavaleiro, lhes tinha o riso abundante. Ao cingir-lhe a espada, disse-lhe a boa senhora:

_Deus faça a Vossa Mercê muito bom cavaleiro com muito venturosa e lhe dê boa sorte nas batalhas.

Perguntou-lhe dom Quixote como se chamava, para que ele soubesse que dali em diante ficava obrigado pela mercê recebida, porque pensava dar-lhe alguma parte da honra que alcançasse pelo valor de seu braço. Ela respondeu com muita humildade que se chamava Tolosa [...] e, em qualquer parte que ela estivesse lhe serviria e o teria por seu senhor. Dom Quixote replicou-lhe que por seu amor, lhe fizesse mercê que daí em diante se pusesse dom e se chamasse dona Tolosa. Ela prometeu-lhe e, a outra lhe calçou a espada, com esta se passou quase o mesmo colóquio que com a da espada. Perguntou-lhe seu nome e, disse que se chamava Molinera, e que era filha de um honrado moleiro de Antequera; dom Quixote rogou que se pusesse dom, e se chamasse Dona Molinera, oferecendo-lhe novos serviços e mercês (tradução do primeiro autor).



No século XVII tinham direito a usar o título de *dom*, somente determinadas pessoas, não estas moças, evidentemente, nem sequer dom Quixote. Segundo Rosenblat (1995), Felipe II, em 1586, proibiu ao vulgo o uso do tratamento *vuestra merced*, que posteriormente deu origem a *usted*, depois foi extensivo a *don*. Cervantes, de um modo geral, ironiza os costumes da época, tanto no tocante à religião como para a sociedade em geral. Ele sempre se refere à honra, ao poder, à Inquisição; sua veia humorística chega a extrapolar.

O capítulo III é uma paródia. Era de costume acontecer aos romances de cavalaria cerimônias para velar armas e armar cavaleiro. Tolosa é uma das secretárias que ajuda na cerimônia e passa a espada ao noviço cavaleiro. Dom Quixote, agradecido pelo ato de amor, logo se sentiu com autoridade para dar ordens, exigindo que a partir daquele momento, a moça fosse tratada como dona Tolosa.

O recorte discursivo aponta para as condições de produção, em especial, as relações de força do discurso. No momento em que é sagrado cavaleiro, dom Quixote assume o poder na escala hierárquica e muda de posição no discurso, passando a dar ordens aos subordinados. Naquele momento, ele era autoridade.

Considerações Finais

Este trabalho pretendeu analisar discursivamente a ironia na obra Dom Quixote de La Mancha, de Cervantes. Especificamente, analisamos a recepção irônica que dom Quixote recebeu na venda do caminho pelas prostitutas e arrieiros que ali faziam suas noitadas e a mudança nas condições de produção, com o deslocamento do discurso cordial para o agressivo de dom Quixote aos beneditinos. Nesse sentido, identificamos as noções, presentes na AD, de formações imaginárias, memória e interdiscursividade em dom Quixote.

Constituímos recortes discursivos dos capítulos II, III, V e VIII do primeiro tomo, em que dom Quixote é armado cavaleiro. Observamos que há uma nítida mudança de posição, quando ele deixa de receber ordens das pessoas e assume, imediatamente, o deslocamento para a posição autoritária de mandar, o que reflete a relação de forças no discurso. Nesse sentido, dom Quixote passa a exigir a utilização do título de cavaleiro para ele e para suas amigas prostitutas, o que se constitui em nova condição de produção.

O leitor de dom Quixote tem a ilusão de apreender o sentido do texto e busca suas formações imaginárias, num discurso ou num momento histórico, ou até mesmo em ocorrências bem anteriores. A leitura implica em uma memória discursiva, gerando efeitos de memória ou esquecimento.

REFERÊNCIAS

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2006.



HOUAISS. Houaiss Eletrônico da língua portuguesa (CD).

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse Automatique du Discours*. Paris: Dunod, 1969.

RIQUER, Martín de. *Aproximación al Quijote*. Navarra, España: Salvat, 1970.

ROSENBLAT, Ángel. *La lengua del "Quijote"*. Madrid: Gredos, 1995.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Don Quijote de La Mancha*. Edición Cultural dirigida por Andrés Amorós. Madrid: Editorial SM, 1999.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Don Quijote de La Mancha*. Edición de John Jay Allen. Madrid: Cátedra, 1995.